

NA TRILHA DO FEMINISMO: A LUTA DE D. ANTÔNIA DO SOCORRO PELO DIREITO A EDUCAÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA DE PARATIBE, JOÃO PESSOA - PB

COSTA, Iany Elizabeth – UFPB³³

Resumo:

O presente artigo visa fazer uma breve abordagem sobre a figura de D. Antônia do Socorro Silva Machado, mulher negra e quilombola, pioneira no processo de escolarização básica da Comunidade Negra Quilombola de Paratibe, João Pessoa – PB, localidade esquecida pelo Poder Público, onde atualmente ainda residem remanescentes quilombolas em processo de demarcação territorial. Para isso, lançaremos nossos olhares sobre as ações de D. Toinha na luta pelo direito a Educação desta Comunidade Quilombola, utilizando os métodos da História Oral (Entrevistas) e da produção bibliográfica sobre esta mulher, para trilhar os passos desta educadora na busca por uma Educação de qualidade para seu povo.

Palavras-chave: Educação, Mulher, Negro.

ABSTRACT:

This article aims to make a short approach to the figure of D. Socorro Silva Machado Antonia, black and maroon woman, a pioneer in basic schooling process of the Community Black Quilombo of Paratibe, João Pessoa - PB, city forgotten by the Government where currently still reside quilombo remnants in the territorial demarcation process. For this, we will launch our eyes on the actions of D. Toinha in the fight for the right to education of this Quilombo Community, using the methods of oral history (interviews) and bibliographic production on this woman, to walk in the footsteps of this educator in the search for a quality education for his people.

Keywords: Education, Women, Black.

Introdução

Na história da Educação brasileira as narrativas históricas mantiveram um aspecto elitista de segregação racial e de gênero, negros cativos e mulheres frequentemente estiveram à parte do processo educativo, tendo em vista que, no

³³ Possui licenciatura em História pela UVA (2010), especialista em Educação Integral e Direitos Humanos pela UFPB (2014), mestranda no Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos – PPGDH/UFPB (2015). Email: ianyelizabeth@hotmail.com

período Colonial a escolarização era oferecida pelos eclesiásticos em Seminários ou de forma particular na modalidade de preceptores, atendendo a um determinado grupo social á elite branca e masculina. A mulher cabia o âmbito familiar da casa e dos afazeres domésticos, tendo quase ou nenhuma instrução, bem como aos cativos negros era legado apenas a educação catequista para abranda-los e força-los a aceitar o cativo compulsório, como aponta Marcílio (2005, p.3): Quando se deu a expulsão dos jesuítas em 1759, a soma de alunos de todas as instituições jesuíticas não atingia 0,1% da população brasileira, pois, delas estando excluídas as mulheres (50% da população).

O processo de ausência feminina na instrução brasileira coincide com o processo histórico de construção do gênero no Brasil, no qual, as mulheres de diferentes condições sociais estiveram enclausuradas na dicotomia: Casar/Procriar, Objeto/Submissão. O corpo feminino deveria servir aos portugueses, miscigenando as etnias, na maioria das vezes a força, fundamentado na representação do masculino vigente na Europa do século XVI, no qual, foi dado ao homem o poder de submeter outros grupos sociais, entre eles as mulheres, abstraindo para si o direito de vida e de morte sobre sua família, escravos, agregados, etc. Segundo Ribeiro (2006, p.05): “Na visão quinhentista da época, as portuguesas faziam parte do “Imbecilitus Sexus” uma categoria que enquadrava crianças, mulheres e doentes mentais”.

Sendo assim, poucas mulheres tiveram o privilégio de obter instrução na Colônia Portuguesa na América, algumas Senhoras de Engenho, no entanto, exerceram função administrativa na ausência de seus maridos, mas de modo geral, não eram vistas com bons olhos as mulheres que tinham instrução, por se perpetuar a ideia que as mulheres tinham pouco juízo para as letras (RIBEIRO, 2006). Em Portugal a exclusão feminina dos bancos escolares não era diferente: “não havia escolas para meninas, apenas recolhimentos que visavam o ensino de afazeres domésticos” (RODRIGUES, 1962, p.18).

Mesmo com o advento do Império, com a promulgação da Constituição de 1824, a exclusão dos bancos escolares de mulheres e cativos continuarão sendo uma constância, mesmo porque, se transitou a mudança do modelo governamental, mas

não se modificou a estrutura patriarcal vigente, embora que no século XIX, as mulheres das classes baixas e escravas de ganho, ocupavam vários postos de trabalho, inclusive sendo senhoras de escravos, mesmo assim se encontravam as margens da sociedade escravista sem ter seus direitos respeitados (DIAS, 1984).

Entretanto, com o passar das décadas já em finais do século XIX e início do século XX, o cenário de segregação racial e de gênero no âmbito da Educação pública no Brasil começa a mudar com a ampliação dos núcleos escolares possibilitando a inserção de meninos e meninas negros (as) de diferentes condições jurídicas – livres, libertos, forros – passando a marca uma presença importante nos bancos escolares, segundo Cruz (2011-, p.29) analisando os grupos escolares de Campinas entre fins do século XIX e início do XX notou-se: “no período de 1897 a 1925, [...], “a presença das crianças negras em fotografias de turmas de alunos de diferentes grupos escolares e em diferentes épocas”. Sabemos que o processo de inserção no âmbito educacional de negros e mulheres foi desencadeado no Brasil de forma lenta, sendo exercido através de constantes lutas de militantes feministas e da negritude pelo direito ao acesso e permanência na escola travadas ao longo do século XX e que ainda repercutem no debate da temática de gênero e da educação étnico-racial na escola.

É nesse contexto, que lançamos olhares sobre a figura de D. Antônia do Socorro Silva Machado, uma mulher negra, vivendo em uma comunidade negra chamada Paratibe, localizada na zona sul da capital paraibana João Pessoa, desassistida do poder público, principia como pioneira em meados de 1950 o processo de escolarização desta comunidade, contando apenas com recursos próprios e com a pouca instrução que possuía. Nesse artigo, buscaremos destacar a D. Antônia na busca pela sistematização do saber na Comunidade Negra de Paratibe, fazendo um levantamento de dados bibliográficos sobre esta educadora, trazendo para a discussão sua vivência e a importância de seus atos para o acesso a Educação da Comunidade Negra de Paratibe, João Pessoa - PB.

D. Antônia do Socorro Silva Machado (1930-1992): Uma mulher á frente de seu tempo.

Para iniciarmos a reflexão sobre a importância de D. Antônia do Socorro para a Comunidade Negra de Paratibe, utilizaremos dos princípios da Nova História, que a partir da segunda metade do século XX, lança seus olhares para indivíduos antes esquecidos das narrativas históricas positivistas, ou seja, da História Total ou História dos Vencedores, passando a se preocupar com os registros históricos do povo: operários, escravos, mulheres, crianças etc. Para Sharpe (1992, p.59) a Nova História, convida os historiadores a uma história “vista de baixo” definindo-a como: “um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história”.

Esse resgate dos sujeitos invisíveis para a sociedade branca e elitista possibilitou a efervescência de trabalhos acadêmicos de historiadores, antropólogos, sociólogos, educadores dentre outros, preocupados com o resgate da memória, história e a cultura destes indivíduos, abrindo espaço para o debate sobre os direitos das minorias no Brasil e no mundo. Nesse sentido, para nosso presente trabalho vamos utilizar de registros documentais, bibliográficos e orais para buscar relatar as vivências coletivas de D. Antônia em busca do direito à Educação.

Mas quem vem a ser D. Antônia (Toinha) fundadora da primeira escola da região de Paratibe? Qual sua importância para a Comunidade Negra de Paratibe? A resposta para essas perguntas começou a ser descortinada no processo de composição dos documentos e registros para a presente pesquisa de Mestrado intitulado: Comunidade Negra de Paratibe: Resignificação da Identidade Quilombola no Contexto Escolar no Programa de Pós-Graduação em Cidadania, Políticas Públicas e Direitos Humanos – PPGDH/UFPB, na qual objetivamos perceber a construção social da identidade negra desta comunidade através da presente pesquisa nos deparando assim com a importante figura de D. Antônia, sendo referência constante nos relatos das pessoas que vivem/convivem nesta comunidade. Mas quem era ela?

Dona Antônia do Socorro Silva Machado ou como era conhecida D. Toinha, nasceu em 03 de março de 1930, no município de João Pessoa-PB, segundo Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Negra de Paratibe - RTID (INCRA, 2012) era a sexta filha do segundo casamento de Olavo Pedro da Silva,

filho de Graciliana Maria da Conceição (Dinda Memê) e Pedro Silva³⁴ com Maria DaLuz (Maria Gorda) em 1930. Dona Toinha sempre morou em Paratibe, seu pai seu Olavo (1905-?)³⁵ era uma referencia em Paratibe: “sua família teve muita influência sobre os processos de uso, apropriação e negociação das terras. Nos anos 1950/60, era Olavo um dos que organizava o espaço territorial” (Idem, 2012, p.21). Segundo Lima (2010) Dona Antônia casou-se com Getúlio Machado da Silva, não tendo filhos, cuidou de oito sobrinhos filhos de sua irmã Neusa, após a morte repentina desta, sua estatura física era aproximadamente 1,60/1,65m de altura, pesando 85 quilos, era negra e tinha orgulho de sua cor (ver: Anexo 1). Era muito querida por todos onde passava, de acordo com sua sobrinha:

Minha tia era uma pessoa divertida, gostava de brincar, é, gostava de se pintar, usava brinco, pulseira um lencinho na cabeça, ela dançava até com os meninos aí, brincando quando era festa, era uma pessoa alegre ela. (Idem, 2010, p.53).

O prestígio e as posses de seu pai possibilitaram a aquisição da instrução básica para D. Antônia, como aponta Fonseca (2005) que era grande a presença de meninos e meninas negras nas escolas de primeiras letras na segunda metade do século XIX, na região das Minas Gerais, impulsionadas pela mobilidade social da dinâmica do ouro que contribuíam na ascensão social de negros de diferentes condições jurídicas: livres, libertos, forros, no qual possibilitou o acesso à Educação de seus filhos. Como notasse o caso de D. Antônia que foi a única professora de Paratibe durante muito tempo, não se tem informações do local onde ela estudou, mas segundo Lima (2010, p.55): “na sua ficha individual de docente [...] cursara o 2ª grau completo – pedagógico - e outros cursos extras, como de reciclagem e de treinamento para diretores”, além disso:

Tinha uma ascensão espiritual e social na comunidade muito grande, visto que era uma das “donas do teuço” e organizava os festejos de São João junto com Zefa Vaqueiro, e depois da morte de Zefa permaneceu com a missão. Como professora era uma das únicas pessoas da comunidade a ter salário, depois como diretora, tinha o poder de empregar pessoas, como fez

³⁴ Um dos cinco ramos familiares do grupo de quilombolas que reivindicam o território ancestral de Paratibe (Grifo nosso), Ver: RTID da Comunidade Negra de Paratibe – INCRA/2012.

³⁵ Não foi possível precisar a data de morte de Olavo, foi encontrado o túmulo da família com fotos dele, de Maria Gorda, Toinha, Neusa e outros familiares no Cemitério da Penha. (Idem, 2012, p.21).

com seu marido, Getúlio, que ocupou o cargo de inspetor na Escola. (Idem, 2012, p.21).

Essa notoriedade social possibilitou D.Toinha inverter a situação escolar das crianças, jovens e adultos desta comunidade, que viviam na década de 1950 longe da escola, tendo em vista que, Paratibe naquela época: “Não tinha nada nem uma escolinha. Como era não passava ônibus a gente ia a pé até a cidade. Ou então a gente andava de cavalo ou de bicicleta [...] nem estrada era chamado de caminho” (Idem, 2010, p.60). Por isso, acreditamos que a dificuldade de acesso às escolas na cidade tenha levado a D. Antônia a iniciar um trabalho de alfabetização local em uma escolinha particular no quintal de sua casa, conhecida como “escola de D. Antônia”, veremos o legado dessa escola no segundo momento deste artigo. Ainda em Lima (Idem, 2010, p.54) com a Gestora-Geral parceira de trabalho menciona que Dona Antônia:

Era uma mulher sensível, amantíssima dos sobrinhos, da família, muito respeitada na comunidade. Ela se doava por inteiro não só nessa escola, aos pais dos alunos, do alunado. Quando muitas vezes dependia da venda de frutas periódicas, ela cedia o sitio dela, enorme, de caju, para eles tirarem e venderem na feira livre.

Podemos perceber a partir da consulta as publicações referentes à D. Antônia que esta era já na década de 1950 a maior proprietária de terra na localidade de Paratibe, sendo, ela responsável por gerenciar a vida cotidiana das famílias, contribuindo em três frentes importantes: a escolarização, a geração de renda e a fé/lazer. Estando presente em todos os momentos sempre gentil e generosa, segundo outra professora que trabalhou com ela, informava que “ela era dona de quase toda a Paratibe” (Idem, 2010, p.54). Gostava muito de festas, “se alguém chegava à escola, podia ser de diretor a auxiliar de serviço, ela tinha uma música para recebe-los” De acordo com outra professora da escola (Idem, 2010, p.54).

A generosidade e o trabalho voltado para a Comunidade Negra de Paratibe será um fato marcante dentro das leituras realizadas para esse trabalho, sendo, a figura de D. Antônia muito referenciada de forma positiva dentro da comunidade e dentro da escola que ela fundou, como uma pessoa que trabalhavam pelo bem esta de todos, tanto que sua morte corrida em 26 de setembro de 1992, vítima de câncer, segundo a Gestora-Geral: “Causou grande comoção aqui em Paratibe, saíram daqui

dois ônibus lotados para ver o enterro no túmulo de seus familiares no Cemitério da Penha, até hoje sua falta é sentida, porque ela cuidava de tudo aqui na escola e também fazia a ponte com a comunidade” (ARQUIVO, 2013).

Da escolinha de D. Toinha á Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia do Socorro Silva Machado.

Como mencionado D. Antônia do Socorro, inicia na década de 1950 uma escolinha nos fundos de sua casa, com o objetivo de alfabetizar crianças, jovens e adultos, principiando sua atividade como professora, sendo durante muito tempo a única atuando nessa localidade, as estradas que davam acesso á Paratibe, segundo depoimento do viúvo de D. Antônia:

Era um caminho que não passava carro. Quando deu uma chuvada [chuvarada] muito grande, lá em Oitizeiro, tapou e o caminho pro Oitizeiro e, aqui pra ir pra praia não passava mais, porque o cemitério deu muita água. Depois não podia passar com carro. Ai o prefeito veio falar comigo pra eu deixar abrir essa estrada daqui de Paratibe para Muçumagro e eu disse pode mandar abrir. Lima (Idem, 2010, p.60)

Podemos perceber com esse relato que a região de Paratibe, era caracterizada como rural distante do centro urbano de João Pessoa, de difícil acesso, onde o deslocamento dos estudantes para a escola mais próxima necessitava de uma longa caminhada á pé, de carroça ou bicicleta, Paratibe era “um local cheio de árvores, era mais família que morava nas localidades, era sítio” conforme expôs um sobrinho da mesma (Idem, 2010, p.60), dando assim, para compreender a necessidade de uma escola na localidade.

A escola que D. Antônia fundou funcionava no primeiro momento nos fundos da sua casa no sítio Paratibe, segundo Cavalcante & Crispim (2011, p.06) em entrevista com uma ex-aluna de D. Antônia sobre o espaço da escola como era, foi mencionado tendo: “uma sala de aula, uma casinha mesmo, os tambores era banco, não era cadeira, nessa época era uma professora, uma excelente professora estudei com ela até a 4ª série”. Esta professora era D. Antônia que segundo Lima (2010, p.55) em entrevista com o sobrinho dela, ela começou a ensinar:

VII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES
Políticas de Currículo e Formação: desafios contemporâneos

Uma escola, em sua própria casa, era uma escolinha muito bem pequena, que foi, que se localizava, na Portela, ela começou com uma escolinha particular, ela ensinava não tinha ninguém, nada, para ajuda-la. Era frequentada pelo povo da comunidade, que era muito pouca gente, porque a comunidade era pequena, a Portela, ainda existe o terreno que pertence ainda a ela. (LIMA, idem, p.55).

Na escola de primeira fase de D. Antônia os alunos estudavam no modelo multiseriado, ou seja, diferentes faixas etárias e níveis escolas juntos na mesma classe, realidade encontrada ainda hoje em escolas do campo³⁶, ainda segundo Lima (2010) a escolinha de D. Antônia tem um grande crescimento entre as décadas de 1950 – 1970, tornando o espaço oferecido em sua propriedade pequeno, pois, tudo que ali havia tinha sido conseguido por meio de doações ou por solicitação de D. Antônia á prefeitura de João Pessoa e ao Governo do Estado, nas suas respectivas secretarias da Educação, como cita Cavalcanti & Crispim (2011, p.08) em depoimento tomado á uma ex-aluna:

Os materiais eram livros de geografia, matemática, português e aquelas cartilhas de ABC. Muitos eram doações que ela conseguia com o governo. Tinha quadro, giz, a gente escrevia no quadro, respondia o que ela perguntava no quadro.

Houve assim á necessidade de ampliação da escola, devido ao processo de crescimento da população em torno da Comunidade Negra de Paratibe, segundo o RTID (Idem, p.27):

O período de 1970-1990 é de grande interesse para nossa pesquisa, pois, foi nesse momento que ocorreu o primeiro movimento forte de urbanização da região onde está localizada a comunidade de Paratibe, vindo por dentro das entranhas da cidade.

Essa urbanização trouxe consigo o aumento da procura por Educação em Paratibe, por isso, o processo de transição da escolinha de D. Antônia, para a municipalização segundo entrevista com a Gestora-Geral da escola aconteceu a partir de:

Uma série de negociações entre a família de D. Antônia, grande proprietária de terra em Paratibe e a família de Domingos José da Paixão grande

³⁶ Ver: Passo-a-passo para a adesão ao programa escola ativa – MEC – Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação – disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/manuaadesao_escolaativa.pdf. Acesso: 02/11/2014.

VII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES
Políticas de Currículo e Formação: desafios contemporâneos

proprietário de Muçumagro, ambas as famílias eram grandes latifundiárias da região. No início seu Domingos da paixão queria a escola no lado de Muçumagro, mas D. Antônia reivindicava que deveria ser em Paratibe, pois, ali não existia nenhuma escola pública, em consenso entre as duas famílias, a escola municipal de nível fundamental ficou em Paratibe, sendo prometida a construção de uma em nível médio em Muçumagro. (ARQUIVO, 2013).

Sendo assim, conforme Lima (2010) D. Antônia do Socorro doa um grande terreno que pertencia á ela para a Prefeitura Municipal de João Pessoa a fim de construir a primeira escola pública em Paratibe, a idealizada por D. Antônia é inaugurada no ano de 1972, como o nome de Grupo Escolar Municipal José Peregrino de Carvalho, no Governo Estadual de Ernani Sátiro (1971-1975), sendo obra da Gestão Municipal do prefeito Dorgival Terceiro Neto (1971-1974), contanto inicialmente com quatro salas respectivamente: Uma diretoria, uma cantina e mais duas para aulas. Como podemos ver abaixo, com as seguintes placas a primeira de fundação do grupo escolar no ano de 1972 e a segunda de reforma da escola ocorrida em 1991. (Ver anexos 2 e 3).

Dona Antônia nessa escola exercia muitas funções, conforme aponta Lima (2010, p.53): “consta que ela tinha a função de secretária e o cargo de Diretora [...] foi nomeada, no início, para exercer o cargo de secretária, com o número de matrícula 0038 [...] admitida em 04 de março de 1954”. Segundo a Gestora-Geral: “D. Antônia fazia tudo nesta escola, resolvia tudo, sabia lidar com todo mundo como ninguém, era muito ativa e determinada” (ARQUIVO, 2013). Provavelmente o vínculo com a prefeitura de João Pessoa, possibilitou a manutenção das doações de material escolar que ela recebia para sua escolinha e estreitou o laço para a realização do seu grande sonho uma escola para a Comunidade de Paratibe. Sendo ela diretora deste núcleo escolar entre 1972 até sua morte em 1992.

Após sua morte em 1992, o Grupo Escolar José Peregrino de Carvalho, passou por muitas modificações estruturais, de gestão e também ocorreu a mudança do nome da escola, pleiteada pela Comunidade Escolar de Paratibe e pela família de D. Antônia, foi requerido da Prefeitura a mudança do nome da escola para EMEF Antônia do Socorro Silva Machado em homenagem a sua fundadora e benfeitora, conforme aponta a atual Gestora-Geral:

VII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES
Políticas de Currículo e Formação: desafios contemporâneos

A prefeitura só mudou o nome da escola, porque, nós da escola e a comunidade fizemos pressão, o busto que temos em frente a nossa escola foi o viúvo de D. Antônia que mandou fazer e mandou colocar, não houver nenhuma manifestação de pesar da prefeitura em virtude da morte dela, muita falta de respeito. (ARQUIVO, 2015).

Atualmente a escola atende á alunos provenientes do Sítio Paratibe (Comunidade Quilombola) na faixa de 300 alunos distribuídos do 1ª ano até o 5ª ano, conforme relação de alunos quilombolas realizado pela escola sobre o montante de matriculado no ano de 2015, cedido para cópia pela atual gestão, além de alunos dos outros seis bairros Sítio Muçumagro, Praia do Sol, Barra de Gramame, Nova Mangabeira, Parque do Sol, Conjunto Sonho Meu, contabilizando no ano de 2015 1500 alunos nos três turnos: Manhã, Tarde e Noite e nos três seguimentos educacionais oferecidos: Fundamental I, Fundamental II e a EJA Alfabetização, Ciclo I, II, III e IV. a fachada da escola encontra-se assim atualmente (Ver anexo 4).

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia do Socorro Silva Machado conta atualmente com uma estrutura de 15 salas de aulas, 2 salas do Programa Mais Educação (sendo uma a Rádio Escolar), 1 secretaria, 1 sala da Direção, 1 sala dos professores, 1 Almoxarifado, 4 banheiros, 1 sala da Computação, 1 Biblioteca, 1 Cantina com refeitório coberto, 1 Quadra Poliesportiva (que serve de local para as culminâncias da escola), um estacionamento, bem diferente da “escola de D. Antônia” e do Grupo Escolar Municipal José Peregrino de Carvalho, tudo isso, sendo obras realizadas após a morte de D. Antônia, o importante de tudo isso é destacar que as ações em prol da inserção da Educação Básica na localidade de Paratibe, foram empreendidas por essa senhora, fruto do esforço individual de resistir ao abandono do poder público, desempenhando o papel que deveria ser exercido por ele, com isso, a figura de D. Antônia e seu legado, precisa ser revisto, valorizado e pesquisado como exemplo de resistência e luta pela educação de seu povo.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo da pesquisa, podemos constatar que o processo de inserção da educação escolar na Comunidade Negra de Paratibe, por intermédio de Dona Antônia do Socorro, se deu de forma muito particular, partindo da força de vontade desta

mulher em realizar com recursos próprios o que o Estado de fato negava a comunidade, fazer esse apanhado histórico sobre suas ações em prol do direito de estudar desta comunidade, nos fez perceber a força e o valor desta senhora, uma mulher a frente do seu tempo, que não se deixou abater pelas adversidades que o sistema lhe impunha, lutando até seus últimos dias de vida por uma educação de qualidade para sua gente.

Com isso, a EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, é um forte exemplo da luta popular dos negros pelo direito ao acesso e permanência na escola, sendo a escola que ela fundou considerada nos dias atuais com escola quilombola e também conhecida por buscar a realização de ações antirracistas dentro de suas práticas educativas, sempre em diálogo com esse passado como podemos observar no levantamento bibliográfico realizado e nas entrevistas apresentadas que dialogam com a figura de D. Antônia como pioneira na educação popular dessa comunidade e como grande incentivadora/benfeitora dos avanços sociais naquela comunidade, uma mulher que merece admiração, sendo um exemplo para todos os que lutam por uma educação de qualidade no Brasil.

REFERÊNCIA

Fontes Primárias.

Projeto Político Pedagógico da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, Secretaria de educação do município de João Pessoa, João Pessoa: 2010.

_____. **Lista de Alunos Quilombolas** – Ano 2015- EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, João Pessoa: 2015.

_____. **Projeto Quilombola**, João Pessoa: 2011- 2012.

Entrevista com a Diretora-Geral Estala Reis em exercício da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, concedida em 10/09/2014 em João Pessoa- PB.

Entrevista com a Diretora-Geral Jandira Nunes em exercício da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, concedida em 08/06/2015 em João Pessoa- PB.

Fontes Bibliográficas.

CAVALCANTE, Rejane de Barros e CRISPIM, Shirley Regina Azevedo. **A luta pela Educação dos Negros: A contribuição de D. Toinha.** III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais Olhares diversos sobre a diferença. 26, 27 28 de outubro de 2011, João Pessoa – PB. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/07/08.pdf>. Acesso em: 20/03/2013.

COSTA, Iany Elizabeth da. **A aplicabilidade da Lei 10.639/03 no ensino de História na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia do Socorro Silva Machado.** Monografia de Especialização. Orientador: Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva. PPGDH/NCDH/UFPB/2014.

CRUZ, Mariléia dos Santos, **Uma Abordagem sobre a História da Educação dos Negros,** In: _____ (Org) História da Educação do Negro e outras Histórias/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FONSECA, Marcus Vinicius. **Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX.** In: _____. (Org) História da Educação do Negro e outras histórias/org. Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, MEC, 2005.

INCRA, **Relatório Técnico de Titulação e Delimitação do Território da Comunidade Negra de Paratibe,** João Pessoa: 2012.

LIMA, Sandra Maria Barbosa. **Fontes de informação na construção da memória da Professora Antônia do Socorro Silva Machado: Uma pessoa, uma escola dentro da comunidade.** João Pessoa, UFPB/CCSS, 2010. Monografia de graduação em Biblioteconomia.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da Escola em São Paulo e no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres e Educação no Brasil-Colônia: Histórias Entrecruzadas.** Revista do Grupo de Estudo HISTEDBR, ano 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Arilda_Ines_Miranda_Ribeiro2_artigo.pdf. Acesso em: 30/07/2015.

RODRIGUES, L.P. **A instrução feminina em São Paulo: subsídios para a sua história até a proclamação da República.** São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1962.

THOPSOM, Paul. **A voz do passado: História Oral,** tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES
Políticas de Currículo e Formação: desafios contemporâneos

ANEXOS

Anexo 1 Reprodução da foto de D. Antônia do Socorro, disponível na Secretaria da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acervo: EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acesso em: 13/07/13.



Anexo 2 Placa de Fundação do Grupo Escola Municipal José Peregrino de Carvalho - 1972. Arquivo EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acesso em: 13/07/13.



VII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES
Políticas de Currículo e Formação: desafios contemporâneos

Anexo 3 Placa de Ampliação e Reforma do Grupo Escola Municipal José Peregrino de Carvalho - 1991. Arquivo EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acesso em: 13/07/13.



Anexo 4 Fachada da Escola Municipal Antônia do Socorro Machado, Bairro de Paratibe, João Pessoa – PB, fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

